

A Batalha do Marne

Texto de MARIO SÁ CARNEIRO

IMPRESSÃO DE ANIVERSARIO

Desenhos de FERREIRA DA COSTA

Por ali, a nossos pés, foi o campo da Vitória: vitória de há um ano, e já hoje timbrada de legenda — auroo signo de toda a epopeia. São letras fundas de inscrição, em marmore aparelhado, que nos recordam, comovidos, a ordem celebre *une troupe qui ne peut plus avancer devra se faire tuer sur place*; o sublime anônimo dos tres-mil que, meramente obedecendo, resistiram com efeito, em Marville, a toda uma divisão imperial; o exercito de Paris, reu-

nido a urgência pelo governador da cidade, enviado em reforço por automóveis de praça e, como os elafes da Salambô, lançando de, subito o panico e o Milagre, vendo-se, então, pela altura, os aeroplanos revoando a descobrir o intervalo entre os dois exercitos germanicos, naípe decisivo da victoria. Sob a mesma comocão evocamos o pobre e velho piano da Sonatina, que, na noite surrada em pleno campo de batalha, guarda do Kaiser, em confusão infernal, abismando-se pouco a pouco, uivo a uivo, nos pantanos de S. Gônd, levando dias a sumir-se; tanta bandeira tomada, tanto eco de clarim, tanto silencio morto... Paris salvou! no recuo desordenado do Grande Exército, a Alemanha, a Alemanha, a Alemanha, as cheiras, das malditas Legiões dos campestres pontegudos...

...tudos...
Hietem, enas o combate, a vitória, o pasmio; mas hi hoje, subtilmente, a memória do triunfo, erguida a ouro e sangue, a cristal e Asas: monumento da lendaria heroicidade digno do altar de Pátria!
Hontem a batalha... hoje o aniversario! Como se volu um ano! Já o tempo não se lembra!
A terra não trema neste outono; dorme, dorme acanhando os corpos que sobre ela tombaram exangues... E entre as flores, que nasceram depois da morte, levantam-se as flores da vida, e o tempo, em conjunto a uma alameda de campas gentis, pequeninas, que não fazem medo às creanças, cemiterio embandeirado e coberto de girassóis, porque a romagem das flores, levantando as almas, não se lembra das lagrimas, os presentes de anos aos seus mortos. Hietem preceitos, trouxe esta irma; lá azes, a noiva linda que tem Paris nos seus crepês; rosas brancas de luxo, aquela amante de teatro...
...to...



Sobre a sepultura dos mortos do Marne:—Uma pobre viuva

794

Meu Deus, tanto carinho perdido! Que vontade de chorar... mais fundo, mais desolada ainda, porque essas maguas todas, essas dores de Ausência, o tempo—sem remédio—um dia ha de apagar... Tu, minha noiva gentil, que não esqueste uns laivos de carmin em tua boca parisiense, mesmo por este aniversário, tens vinte anos e hasde ainda sorrir; saberás enlazar o companheiro próximo da tua existência, anesar das lágrimas de hoje e de toda a saudade.

cia, apesar das lágrimas de hoje e de toda a saudade na recordação pungente do último beijo do *outro*, antes de partir... E tu, minha irmã, irás também na vida, como tu, minha amante de teatro, has de te dar de novo pelo coração...

Para quê, para quê, tanto luto, tanto tormento, tanto sacrifício?... «Ai!», se ao menos estas dôres fossem eternas!... N'esse caso, sim, talvez valesse a pena sofrer-as... E é exatamente pela sua efemeridade que as acho mais cruéis, que sinto melhor minhas lágrimas...

mas...
... Emtanto, ali, no peito d'aquela creatu-
ra desolada, a amargura talvez se albergu-
para sempre; talvez que até a morte os soluços
ainda rompam do peito d'essa velha mãe que
se esqueceu de tudo. das proprias flores que
deixou cair a seu lado, em vez de juncar com
elas a sepultura do filho — e se estiracou,
louca de dór, alheada de tudo, na sua desgra-
ça, sobre a terra humida... Mais longe, essa
pobre-velha, que se diria uma avó, sustentando
nos braços dois filhos pequenos...

nos braços dos filhos pequenos... Já eram tamanhas as ralações, tão duro o trabalho que, antes dos anos lhe embranqueceu o cabelo, lhe enrugou as faces... Mas ainda tinha o seu homem, o seu querido homem. Lá isso pão com fartura, sempre, em sua casa havia! Hoje... Hoje — eis tudo — ha que trabalhar por dois por que tem de haver o mesmo pão na sua casa coberta de luto.

Enrosca-se-me um calafrio pela espinha: o

signal sagrado das grandes emoções; compreendo a vida; tenho, como nunca tive, a noção do *dever*! Os olhos enevoam-se-me... mas puxo pelo braço do meu companheiro, e sei apenas murmurar:

— Que belo !...
 Eramos dois Artistas, essa tarde de outono, perto
 de Meaux, em pleno campo da Vitoria...

Paris — Outubro de 1915.



*Sobre a sepultura dos mortos do Marne:—*Uma noiva parisiense

795